

MEMÓRIAS DO SALTO. DA ALDEIA SEM LUZ À CIDADE DAS LUZES

Rosa Cabecinhas

Resumo: A emigração portuguesa para França durante os anos 60 do século passado constitui um dos momentos mais marcantes da história contemporânea portuguesa. A partir de memórias autobiográficas de pessoas que partiram clandestinamente para Paris e posteriormente regressaram à sua aldeia natal, este texto aborda as motivações para a emigração, as vivências migratórias, o retorno e as consequências da migração quer em termos pessoais, quer em termos coletivos. As pessoas que entrevistei para realizar este trabalho nasceram na mesma aldeia e a sua vida foi marcada por um acontecimento comum – o *salto* –, embora vivido em momentos e circunstâncias diferentes. As suas memórias cruzam-se ao falarem da aldeia, antes e depois do *salto*, entre a ditadura e a revolução.

Palavras-chave: emigração clandestina; memórias autobiográficas; ditadura; o *salto*; camponeses.

Nós ouvimos os passadores a dizer que estava difícil a travessia, pois no dia atrás tinha sido morto um, mas nós lá fomos, fomos atravessando as charnecas, saltávamos os muros de pedra [...] Saltei talvez uns quatrocentos muros, não sei quantos foram ao certo, foram muitos saltos... (Ti Manel)

O SALTO

Christian de Chalonge, numa entrevista¹ realizada quase meio século depois da estreia do filme *O Salto* (*Le Saut*) nas salas de cinema francesas, em 1967, refere

¹ Entrevista realizada por Inês Espírito Santo (2015) no âmbito de uma parceria entre a associação Mémoire Vive/Memória Viva (Paris) e o Observatório da Emigração. Retirado de <https://www.youtube.com/watch?v=xlXN45E8lQA&feature=em-uploademail>.

que a ideia para o argumento surgiu a partir das histórias que ouvia sobre a difícil e perigosa travessia dos portugueses que na época emigravam clandestinamente para França para fugir de um país flagelado pela ditadura, pela pobreza e pela guerra. Christian de Chalonge pensou em intitular o filme “Le voyage du silence” (A viagem do silêncio) “porque correspondia bem a toda a situação vivida”, marcada por uma profunda solidão, mas optou por chamar-lhe *O Salto* porque, segundo o realizador, “os portugueses preferiam essa designação”.

As migrações constituem uma constante na história de Portugal, mas os destinos e percursos predominantes foram mudando de época para época. A emigração tem sido considerada por diversos autores uma característica estrutural da sociedade portuguesa (cf. Arroteia, 1983; Garcia, 2000; Godinho, 1978; Pereira, 2014) e recentemente voltou a ter novo protagonismo devido à acentuação dos fluxos de emigração na sequência da crise económica mundial e das medidas de austeridade aplicadas em Portugal (e.g., Peixoto *et al.*, 2016).

No início do século XX a América do Sul, principalmente o Brasil, foi o destino preferencial dos emigrantes portugueses, mas em finais dos anos 50 a Europa passou a constituir o destino primordial. Estima-se que desde o início dos anos 60 até ao 25 de Abril de 1974 cerca de um milhão e meio de portugueses tenham emigrado para diversos países europeus, sendo a França o destino predominante (Baganha, 1994; Gonçalves, 1996). Nessa altura, muitos portugueses partiram clandestinamente – *a salto* –, correndo grandes riscos pessoais (Portela & Nobre, 2001; Vieira, 2017).

Este é, sem dúvida, um período que marcou profundamente a realidade quotidiana de muitas famílias portuguesas e sobre o qual ainda podemos contar com as memórias vivas daqueles que partiram no início dos anos 60, cheios de incertezas quanto ao seu futuro.

Com o objetivo de contribuir para romper o manto de silêncio sobre a emigração clandestina dos portugueses durante os anos 60 do século passado, José Vieira oferece-nos um retrato dessa complexa realidade no documentário *A fotografia rasgada* (2002). Nas palavras do realizador, entrevistado por Carlos Eduardo Viana (2014, p. 14):

a emigração clandestina para o norte da Europa nos anos 60, é o maior êxodo e o mais brutal que Portugal alguma vez conheceu ao longo da sua história. “O salto” que despejou aldeias inteiras em certas regiões de Portugal é, antes de mais, uma rutura na história que Salazar pretendia escrever com a espada numa mão e a charrua na outra. É um acontecimento político sem precedentes, “um plebiscito pelos pés” contra o regime.

Neste trabalho abordo a emigração portuguesa para França durante os anos 60 a partir de memórias autobiográficas de pessoas que partiram clandestinamente para Paris e posteriormente regressaram à sua aldeia natal. As entrevistas foram realizadas no âmbito de um projeto de história oral comunitária por ocasião das celebrações dos 40 anos da freguesia da Bajouca, numa altura em que se temia que esta fosse abrangida pela reorganização administrativa territorial autárquica (Lei n.º 22/2012).

Uma nota prévia: as pessoas que entrevistei não foram escolhidas por critérios de representatividade ou de diversidade. São pessoas que me são muito próximas: nasceram na mesma aldeia e a nossa vida foi marcada por um acontecimento comum – o *salto* –, embora vivido em momentos e circunstâncias muito diferentes. As “memórias vivas” desta travessia ilustram os dilemas, as angústias e as alegrias que essa experiência proporcionou.

Para este trabalho foram selecionados excertos das entrevistas realizadas a três ex-emigrantes bajouquenses, que foram dos primeiros a partir clandestinamente para a França, no início dos anos 60. Com estas entrevistas não pretendi de maneira alguma efetuar uma descrição exaustiva da emigração na Bajouca, mas apenas ilustrar um dos períodos mais significativos através das memórias autobiográficas dos entrevistados.

As entrevistas² seguiram um guião muito simples, estruturado a partir de três eixos principais: as memórias da juventude, como era a vida na aldeia antes da partida; as motivações para a partida e as vivências da emigração; o regresso à aldeia e as consequências da emigração. Creio que os excertos escolhidos não são apenas ilustrativos da experiência pessoal de cada um dos entrevistados, mas constituem elementos importantes para a compreensão das vivências de uma geração que lutou para sair da pobreza extrema, numa “aldeia sem luz” e sem oportunidades.

ANTES DO SALTO. A VIDA NA ALDEIA SEM LUZ

Os entrevistados recordam a Bajouca da sua infância e juventude como uma aldeia onde a vida era muito dura e os jovens tinham poucas ou nenhuma oportunidade de aprender profissões e melhorar a sua qualidade de vida.

² As entrevistas foram realizadas na Bajouca, em casa dos entrevistados, entre dezembro de 2011 e março de 2012, no âmbito das comemorações dos 40 anos da Freguesia da Bajouca, fundada a 17 de dezembro de 1971. Os entrevistados tinham idades compreendidas entre os 74 e os 85 anos. Os excertos das entrevistas são identificados, com o consentimento dos entrevistados, a partir dos nomes pelos quais são conhecidos na aldeia. Os cortes no discurso foram sinalizados com parêntesis retos.

O seu dia a dia era de intenso trabalho, ajudando os pais na lavoura e indo à jorna para garantir algum rendimento à família.

Assistência médica, estradas e eletricidade não havia, e “contavam-se pelos dedos das mãos” as pessoas que tinham rádio a pilhas, que na altura era quase a única fonte de informação sobre o que se passava no mundo. Os homens juntavam-se nas tabernas para ouvir rádio, mas para as mulheres as oportunidades de convívio e de formação eram ainda mais escassas: muitas não tiveram sequer a oportunidade de ir à escola, aprender a ler e a escrever.

No inverno a aldeia ficava praticamente isolada, pois os caminhos lamacentos e cheios de poças de água não permitiam a passagem de carros. As pessoas iam a pé a Monte Redondo para ir à missa e às celebrações religiosas; iam descalças, com tochas para alumiar o caminho durante a noite. Embora os entrevistados refiram estas dificuldades, todos recordam aquela época com saudade, dizendo que naquela altura “a juventude era mais alegre” do que é agora.

O Ti Manel foi para a escola aos “oito anos porque só nessa altura começou a ser obrigatório ir à escola”³. Gostaria de ter tido a oportunidade de fazer a 4.ª classe, mas teve de abandonar a escola depois de fazer o exame da 3.ª classe, como tantos outros da sua geração, para trabalhar a tempo inteiro:

O meu pai era oleiro, eu tinha que calcar o barro para fazer os púcaros. Era eu que tinha que fazer os púcaros porque ele não podia. O meu pai ficou entravado, não podia fazer nada [...]. Nós fazíamos púcaros para a resina, depois vieram os púcaros de plástico e passou a haver menos interesse pela olaria; começámos a fazer outro tipo de louça, mas o meu pai pouco tempo se dedicou a isso porque já não podia; quando ele podia não o fez, andou a trabalhar por conta dos outros, à jorna, e nós também tínhamos de semear o milho, batatas e tudo o que era preciso para a família. Nós depois tínhamos que amanhar, regar, tirar a água à picota; era preciso fazer muita força. Entretanto eu também passei muito tempo a fazer carretos e outros fretes, a acarretar louça para os outros, para ir vender a Pombal, Leiria, Fátima, Albergaria dos Doze, com um carro de bois a puxar aquilo. Nós conduzíamos o gado. Naquele tempo poucas estradas havia. Havia a estrada Leiria-Figueira e Leiria-Coimbra, pouco mais estradas havia. Aqui na Bajouca o primeiro aterro que fizeram foi em 1946, e mesmo assim só chegava até à Carrasca. Depois o resto foi feito aos bocados. (Ti Manel)

³ Apesar desta suposta obrigatoriedade, muitas famílias optaram por não enviar as crianças para a escola, sobretudo no caso das meninas. A análise das assimetrias de género nas experiências migratórias será objeto de um outro trabalho.

O Ti Tiago, que também frequentou a escola até à 3.^a classe, tem algumas recordações semelhantes da sua infância e juventude:

Quando saí da escola, comecei a guardar algumas ovelhas do meu pai. Também comecei a trabalhar na tenda e a levar a louça, junto com um dos meus irmãos, às feiras e mercados, com o carro de bois. Participava também nos trabalhos do campo, sobretudo nas sachas e nas arrendas do milho, gostava da boa ambiência que havia nesses trabalhos. Também gostava das descamisadas, que na época eram bastantes alegres, cantava-se. E algumas vezes, no fim das descamisadas, os rapazes e as raparigas organizavam uma brincadeira de roda. Na altura o milho era todo descamisado nos serões no fim da ceia. Também gostava muito dos serões dos noivos e foi nas descamisadas e nos serões dos noivos que passei a minha melhor mocidade. (Ti Tiago)

Sobre os passatempos de juventude, as respostas dos entrevistados são também muito semelhantes:

Na mocidade lembro-me que nós nos divertíamos muito nas danças folclóricas, cantava-se nos ranchos da sacha do milho; foi esta a minha mocidade. Nós nesse tempo não tínhamos estradas, tínhamos muita lama no inverno, íamos muitas vezes a Monte Redondo às celebrações religiosas, muitas vezes acabávamo-nos nas poças, e hoje há caminhos para todo o lado e ninguém faz ideia da falta de estradas que havia nessa altura, não havia condições para as fazer, não havia máquinas [...]. Nos Andrezes as pessoas encontravam-se na taberna do Diogo, sobretudo no tempo das descamisadas, serões, e no fim havia bailarico, cantavam. Quando havia descamisada, ouvia-se cantar e as pessoas iam lá ter, juntavam-se nas eiras para ajudar. Às vezes havia uma bucha. (Ti Manel)

Os entrevistados recordam algumas das tradições que desapareceram da vida da aldeia:

Nas festas de São João e São Pedro havia fogueiras. Toda a gente saltava as fogueiras, apanhava rosmaninho e carqueja, toda a gente ia buscar, quase todas as casas faziam uma fogueira. Quem tinha uma fogueira maior juntavam-se lá para irem todos juntos saltar, não era só a família, pessoas de diferentes lugares conviviam umas com as outras. (Ti Manel)

Pedir para as almas nos domingos de quaresma era feito à tarde, noite do domingo, e fazia-se serão. Essa tradição voltou a aparecer agora, mas feita por homens, já não são rapazes novos, já não é como era. Na altura era feito por rapazes, hoje já não há rapazes a fazer isso. Eu organizei durante sete anos, tenho os documentos todos. Eu escrevia em cada linha e entre as linhas, com letra fina porque não havia papel. Tudo o que desse para escrever aproveitava-se. [...] Nós íamos a Monte Redondo na altura do Entrudo, às vezes duas vezes por dia, ida e volta, quatro vezes num só dia: domingo, segunda e terça, e ainda voltávamos na Quarta-Feira de Cinzas. Era a expiação das 40 horas. Saía-se de noite, pelo caminho rezava-se, rezava-se, estava o santíssimo exposto, estava a igreja repleta de gente, íamos em grupos, uma ou duas famílias, ia-se de noite para lá, por caminhos de lama, descalços. [...] Havia quem levasse archotes a arder para alumiar o caminho, e uma pessoa punha uma faixa branca na roupa para não nos perdermos uns dos outros, não havia luz. Hoje está tudo alterado, naquele tempo toda a gente ia à igreja, à missa, vestia-se de lavado nos santos religiosos. Hoje ninguém faz isso. (Ti Manel)

Apesar das grandes dificuldades que viviam, os entrevistados manifestam saudades daquele tempo:

Naquele tempo era uma alegria, toda a gente cantava, toda a gente trabalhava, toda a gente ria. E agora, não sei, parece que o tempo é outro [...]. Havia muitas dificuldades, mas a gente estava habituada, e agora a mocidade de hoje tem carros, tem motas, tem tudo e não são felizes, querem sempre mais alguma coisa... (Ti Silvino)

AS MOTIVAÇÕES PARA O SALTO E AS VIVÊNCIAS NA CIDADE DAS LUZES

As motivações para a emigração foram idênticas entre os entrevistados, destacando-se sobretudo a vontade de melhorar as condições de vida e de realizar os seus sonhos:

Na Bajouca, naquele tempo, os nossos pais tinham um rancho de filhos e era complicado. Às vezes começo a pensar como é que os nossos pais conseguiram dar a volta e criar aquele rancho de filhos, naquele tempo nem havia uma reforma, não havia nada e, no entanto, tudo se criou [...]. Havia muita miséria e nós tínhamos que ir procurar trabalho noutros lados; eu fui trabalhar para a Beira Baixa, depois fui dar servidão para Lisboa, mas ganhava-se quase nada. (Ti Silvino)

O que me levou a emigrar é que nós vendíamos louça em Ourém e comecei a ver aqueles tipos com casacos de golas peludas, que era uma novidade naquele tempo, e depois num dia – embora naquela altura a louça ainda se vendesse bem, havia sempre pessoas que regateavam por 5 tostões –, e um dia, estava lá uma mulher acompanhada pelo homem, com um casaco bom, e eu disse: “eu tenho é que fazer como vocês, deixar isto e ir para a França”; e ela disse: “olhe, se calhar fazia melhor do que estar aqui”. E também ter alguma perspectiva, pois eu aqui não tinha grande futuro, eu não sabia fazer louça, eram os meus irmãos que faziam [...] o meu pai só me autorizava a aprender depois da ceia, à noite e no inverno, porque no verão andava-se a sachar até à noite. À noite chegava cansado, ora andava à jorna de manhã, das seis ao meio-dia, e à tarde, das quatro até as ave-marias tocarem, já nem se via a erva do milho, e depois de inverno era a única hipótese que nós tínhamos de aprender, mas não apetecia tanto porque a água era muito fria, o barro também. Então não tinha grande futuro, e a gente sempre tinha sonhos, foi isso que me levou a emigrar. (Ti Tiago)

As memórias da travessia e as vivências como emigrantes em França têm alguns aspetos em comum entre os três entrevistados, nomeadamente a partida *a salto*. O Ti Silvino foi um dos primeiros a partir, em 1961:

Fui para França com 28 anos, ganhei esta ideia de ir para França, e o meu pai dizia-me assim: “tens aqui tanto que fazer e tanto que comer”, não queria que eu fosse. E eu disse: “eu vou e preciso da sua ajuda, preciso de 16 contos”. E ele vai assim: “não te os arranjo”; e eu disse assim: “não preciso do seu dinheiro, preciso que você me vá fiar, eu tenho quem mos arranje”. Ele disse: “tu estás a brincar?”; e eu respondi: “não, estou a falar a sério”. E ele respondeu-me: “vai dormir e depois amanhã falamos”. No outro dia ele disse: “se queres os 16 contos, estão à tua ordem, já casei mais um filho”. E eu disse: “eu não quero isso assim, eu vou para França com os 16 contos, se eu tiver sorte eu torno-lhe esse dinheiro e ainda mais, se não tiver sorte espero bem que um dia que eu lhe bata à porta me abra a porta” [...]. E pronto, lá fui, com muitas dificuldades [...]. Depois eu mandei para cá 60 contos, naquele tempo era muito dinheiro. O meu pai ficou todo contente. (Ti Silvino)

Na bagagem levei um fato novo e umas botas novas, nós íamos como se fôssemos de passeio, para disfarçar. Penso que a ida foi à volta de oito dias, fomos de carro ligeiro, fomos de comboio, fomos de carreira... Chegámos a dormir em cemitérios... Em Espanha separaram-nos e depois as espanholas diziam “és português”,

e nós não dizíamos nada, com medo, e depois quando chegámos a França não conhecíamos ninguém. (Ti Silvino)

O Ti Tiago partiu em janeiro de 1962, com 23 anos, e ficou a trabalhar em França 19 anos:

O meu pai concordou porque eu na altura já era herdado da minha mãe, que tinha falecido, e recebido um pinhal. O meu pai emprestou-me dinheiro com a condição de que, se eu não lhe desse o dinheiro ficava ele com esse pinhal, era o meu fiador. [...] O passador era conhecido por Trigo, e ao chegar à fronteira eu levava algum dinheiro comigo e ele disse: “não podem levar dinheiro nenhum”, e eu entreguei-lhe o dinheiro, os 16 contos entreguei-lhe uns dois dias antes de ir; o dinheiro todo, senão não ia. Até ao rio Minho fomos de carrinha, depois, antes de atravessar o rio Minho fomos a pé, depois fomos por Ourense, Barcelona, mais não sei quantas terras; andámos 36 horas seguidas de comboio em Espanha. O fim da minha viagem foi Chennevières, ao lado de Champigny, onde era o bordel dos portugueses. Chegados a França, havia outra rede de interesses, que era depois tínhamos que ir à polícia para pedir autorização para três meses. [...] Fiz um contrato de seis meses e fiquei lá oito ou nove meses. Não foi ele que me pôs a andar, fui eu... Eu chegava a casa todo sujo, por causa dos canos dos esgotos, andávamos a fazer o saneamento básico em Samara, na região de Paris. (Ti Tiago)

O Ti Manel partiu em 1963. Dos três entrevistados, foi o primeiro a regressar. Recorda em pormenor as dificuldades da travessia:

Fui clandestino, em 63. Eu depois de casado fui trabalhar para Lisboa, depois alguém me perguntou se eu queria ir para França e eu disse que sim. Não tardou muito tinha aqui um aviso a indicar o sítio onde eu devia estar um dia ou dois depois desse recado, indicava também os caminhos que eu devia seguir, e lá fui eu [...]. Fui sozinho, e depois nesse local estavam pessoas das redondezas, mas não foi nada fácil. Fomos em dois carros. Abalámos daqui para Vilar Formoso, em cada terra em que parámos íamos passando de carro para carro com passadores diferentes; fomos ficando em casas, isto é, em palheiros, por cima dos currais de bois, e nessa altura já éramos uns 14 ou 15. Nós ouvimos os passadores a dizer que estava difícil a travessia, pois no dia atrás tinha sido morto um, mas nós lá fomos, fomos atravessando as charnecas, saltávamos os muros de pedra [...] saltei talvez uns quatrocentos muros, não sei quantos foram ao certo, foram muitos saltos... Penso que a viagem levou uns 11 dias, íamos comendo aquilo que nos davam...

Quando foi o último arranque, já éramos muitos, de outras regiões, puseram-nos todos dentro de um camião grande e nós entrámos todos lá para dentro encurralados. Nessa viagem maior em que atravessámos a França, até Paris, havia lá um pote onde fazíamos as necessidades; eu tive sorte que fiquei num canto e não me apertaram muito, os outros estavam muito apertados nem se podiam mexer. (Ti Manel)

As dificuldades não terminaram com a chegada à chamada “cidade das luzes”. A procura de habitação e de trabalho foi vivida com angústia e ansiedade:

Quando chegámos ao destino, vi umas barracas e ouvi logo falar português dentro das barracas. Pensei, pronto, já chegámos. Ficámos quatro ou cinco ali e disseram-nos: “vão bater ali aquela porta”. Os outros não queriam bater na porta, eu fui bater e disse: “nós chegámos agora, viemos a salto para ficar na França, queremos ficar em qualquer lado para trabalhar”, e disseram: “agora não é fácil”. Então fomos até um café para perguntar onde era, mas eles também não sabiam muito bem. Os passadores tinham-nos tirado todas as coisas, pois não queriam que a gente levasse direções. Depois foi uma mulher que nos explicou o caminho, fomos bater à porta e era o Silvino, mais outros dois. Ficámos lá aquela noite, mas no outro dia foram-nos levar para outro lado qualquer, próximo de Champigny. Lá ficámos muito apertados numa barraca, e o dono das barracas indicou-nos um sítio com entulho onde havia muita madeira e tábuas de todos os tamanhos, para fazermos uma barraca, e lá ficámos muito tempo ainda, fazia frio que rachava, e nós tínhamos só um buraco na barraca para podermos respirar, não podia ser um buraco grande senão tínhamos ainda mais frio. Depois de algum tempo mudei para uma barraca melhor, que era do Zé. Trabalhei como terraceiro, a fazer trincheiras à mão, outras vezes eram as máquinas, fazer poços em terrenos que estavam minados. (Ti Manuel)

A vida em França foi cheia de dificuldades, sobretudo nos primeiros tempos:

O problema é que na altura nós não estávamos legais, não tinha passaporte, tinha de renovar todos meses a *carte de séjour*, de modo que tínhamos sempre medo, eu levava sempre um português mais eu para traduzir, e o polícia disse-me “se você não disser quem foi o passador volta já para a sua terra”, “a minha terra eu nunca esqueço, o passador nem que você me corte às costas eu não sei quem é” disse eu, e depois o polícia chateado deu-me uns abanões, eu pus um pé à frente e outro atrás e ele disse, “você tem força” e deu-me *séjour* mais um mês, e por lá andei

12 anos... Pouco a pouco comecei a aprender Francês, nunca cheguei a aprender grande coisa... mas cheguei a fazer equipa com franceses, a fazer poços, a trinta metros de profundidade, eram trabalhos muito duros e perigosos. (Ti Silvino)

Vivi nas barracas da Mariana, ela tinha a casa dela e tinha feito umas barracas em volta. Ela tinha um quintalzinho onde havia umas couves. Mas aquilo não era como Champigny, que era terra batida e no inverno era uma desgraça, tudo cheio de lama; ali não, estava cimentada a estrada, quatro ou cinco barracas, muito apertadinhas, tínhamos um passeio até à retrete, muito simples... Depois, a partir de 65, habitámos em contentores, aquilo era muito bom em relação às barracas, embora fosse madeira não era tão frio, tínhamos umas camas por cima de outras (beliches) e a um canto a cozinha [...]. Antes podia haver muitas barracas sem nenhuma retrete. Mais tarde passou a ser obrigatório com mais de três barracas haver uma retrete, mas na altura que eu fui ainda não era. Para tomar banho a gente tinha um *bidon*, mas se a gente quisesse podia tomar duche no centro das instalações provisórias que a empresa tinha. (Ti Tiago)

Os entrevistados destacam a entreatajuda e as redes de solidariedade entre os emigrantes. Os que chegaram primeiro ajudaram os seguintes:

Fui ajudando os outros que chegaram depois, havia passadores na Bajouca que os mandavam para lá sem a gente saber de nada, era um perigo, naquele tempo havia a PIDE e era complicado. Mas depois eu mandei para cá uma carta a mandar dinheiro, tive passaporte e depois pude vir a Portugal, passados quatro anos. (Ti Silvino)

Os passatempos em França não eram muitos, até porque todos queriam trabalhar e poupar o máximo para regressar à aldeia natal:

Ao domingo parávamos e ao sábado também, mas muitas vezes íamos trabalhar ao sábado. Os bajouquenses estavam todos muito dispersos. Eu ia à missa num barracão muito grande, aí juntávamo-nos muitos, mas depois fui para outro lado, onde não havia essa convivência. (Ti Manel)

No princípio era mais difícil, depois fui aprendendo alguma coisa, fiquei nas barracas três ou quatro anos... Trabalhava-se todos os dias, só alguns sábados e ao domingo é que não... ao domingo ia-se à missa dos portugueses, faziam-se as compras, fazia-se comer... Gostei muito foi das festas dos portugueses; nessa altura

era alegria, paródias, copos, tinha que passar o tempo. Não sabia falar Francês, às vezes havia excursões. Estive quatro anos sem vir a Portugal porque estava ilegal e tinha medo de não poder voltar a França, tinha medo de ser apanhado. Tinha saudades e não tinha, é que eu estava lá e tinha de aguentar, havia de tudo [...]. Lá em Paris chegou uma pessoa atrás de mim: “sou polícia da PIDE”. Ele tinha sido meu colega da tropa, disse que foi a maneira de arranjar emprego certo, naquele tempo havia muito polícia da PIDE e todo o cuidado era pouco. (Ti Silvino)

As notícias da aldeia chegavam regularmente via carta, raramente havia acesso a outros meios de comunicação:

Escrevia para a minha patroa e ela escrevia para mim, eu fazia isso todos os domingos, tínhamos um rádio que ouvíamos ao domingo, ouvia rádio ao domingo, aquelas músicas portuguesas [...]. Saudades tem-se sempre, mas como eu escrevia sempre, sabia o que se passava cá, e na nossa sociedade sabia-se mais porque eu dizia o que se passou aqui e os outros diziam o que sabiam, de modo que nós praticamente estávamos sempre a par de tudo. [...] Claro, algumas notícias chegavam tarde de mais, quando recebi a notícia da morte do meu pai já tinha sido o enterro. (Ti Manel)

O REGRESSO À ALDEIA E AS CONSEQUÊNCIAS DA EMIGRAÇÃO

Os entrevistados são unânimes em considerar que o esforço e os sacrifícios valeram a pena, uma vez que a sua situação financeira melhorou e puderam construir casa própria ou fazer obras na casa. Regressaram à Bajouca essencialmente para estar com a família, uma vez que em França estavam sozinhos. Entretanto tinham acontecido grandes mudanças, nomeadamente o facto de a Bajouca ter passado a ser freguesia e a construção da igreja. A construção das estradas foi também marcante, mas a principal mudança em termos de infraestruturas foi a chegada da eletricidade.

Na minha juventude havia um telefone no Zé Rato, mas não era viável, rádio havia só nas casas de comércio. O cinema começou a haver em Monte Redondo, na Feira dos 29, a primeira sessão. Em Monte Redondo a eletricidade veio muito mais cedo, havia lá uns cabecilhas ricos que a puxaram para lá, mas nós, aqui na Bajouca, ficámos às escuras... Um dia avisaram do altar abaixo que ia haver cinema, nessa altura não havia prospetos nem nada, e muita gente ficou de boca aberta a olhar para aquilo, não entendiam como aquilo podia acontecer [...].

A eletricidade veio quando eu estava em França. Isto aqui foi tudo revolucionado, depois veio a televisão, quando voltei tinha a eletricidade cá em casa, estava tudo diferente. (Ti Manel)

Eu já andava um bocado farto daquilo, a empresa foi à falência e despediram a gente toda, passaram-me a carta de despedimento coletivo [...]. Eu regressiei em 81. Não notei grandes diferenças na Bajouca, eu vinha cá ano a ano... Depois de eu cá estar é que foram as grandes diferenças... a construção da igreja, a construção da junta de freguesia, a nova ponte na Marinha do Engenho... ao fim de eu aqui estar é que se deram grandes diferenças; foi em tudo, na igreja, no amanho das terras... Depois é que isto levou uma grande revolução, naquele tempo as terras para amanho valiam um dinheirão, dava-se muito dinheiro pelas terras, depois em 90 as terras começaram a perder valor. (Ti Tiago)

Segundo os entrevistados, a emigração teve boas consequências não só para os próprios, mas para a população da aldeia em geral devido à melhoria das condições de vida que as remessas proporcionaram: “começaram-se a fazer melhores casas, começou tudo a ser melhor, passou-se a pagar-se melhor. Antes [...] pagavam uma bagatela de nada” (Ti Manel). Do ponto de vista pessoal, foi também a oportunidade de conhecerem novas terras e lugares onde nunca poderiam ter ido se não tivessem sido emigrantes. E, sobretudo, sentem-se realizados por terem conseguido superar as dificuldades e ajudar a família.

Fui emigrante e tenho muito orgulho nisso. Gostei de ir e de conhecer terras, e como eu trabalhava com franceses aprendi bem o francês... À outra ia à missa todos os domingos e ao responder à missa ia treinando, com os argelinos falava francês, com marroquinos falava francês, e a televisão ajudava muito. E gostava muito de ver o noticiário e os documentários, à sexta-feira à noite havia teatro, eram histórias com suspense que um gajo ficava agarrado à televisão a ver aquilo; e ouvia rádio todos os dias, era a minha companhia. (Ti Tiago)

A Bajouca mudou muito, isto aqui era complicado naquele tempo. Naquela altura, todos passavam dificuldades, até os passadores passavam fome... Em França, o V. um dia chegou ao pé de mim no mercado todo branco, “tenho fome”, dei-lhe almoço. Depois já cantava uma cantiga: “Há três dias que ando à procura de uma casa que eu possa habitar, nem que seja forrada de lata, uma renda barata que eu possa pagar”. Ele era um grande poeta... Naquele tempo era complicado e agora também, o país está de rastos e nunca mais tem concerto... (Ti Silvino)

Este último excerto ilustra os paralelismos que são traçados pelos entrevistados entre as dificuldades vividas no “tempo do antigamente” e as de agora (a este propósito, ver por exemplo, Pereira, 2017).

Este trabalho não teve como objetivo efetuar uma análise sistemática das memórias e narrativas identitárias dos emigrantes entrevistados, mas apenas ilustrar o contributo das entrevistas autobiográficas na construção da história de uma comunidade desfavorecida, em que a maioria dos habitantes era, na época, analfabeta ou com reduzidíssima escolaridade, tal como acontecia em muitas outras aldeias portuguesas, com todos os condicionalismos que tal acarreta no grau de liberdade das trajetórias individuais.

REFERÊNCIAS

- Arroteia, J. (1983). *A emigração portuguesa. Suas origens e distribuição*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.
- Assembleia da República (2012) Lei n.º 22/2012. *Diário da República*, 1.ª série – n.º 105 – 30 de maio de 2012, 2826-2836.
- Baganha, M. I. (1994). A correntes emigratórias portuguesas no século XX e o seu impacto na economia nacional. *Análise Social*, XXIX(124), 959-980.
- Chalonge, C. de (Realizador) (1967). *O salto* [Filme]. França: Fildebroc.
- Espírito Santo, I. (2015). Entrevista a Christian de Chalonge. *Mémoire Vive/Memória Viva* (Paris) e *Observatório da Emigração*. Retirado de <https://www.youtube.com/watch?v=xlXN45E8lQA&feature=em-uploademail>.
- Garcia, J. L. (Ed.) (2000). *Portugal migrante. Emigrantes e imigrados. Dois estudos introdutórios*. Oeiras: Celta.
- Godinho, V. M. (1978). L’émigration portugaise (XV-XX siècles). Une constante structurelle et les réponses aux changements du monde. *Revista de História Económica e Social*, 1, 5-32.
- Gonçalves, A. (1996). *Imagens e clivagens: os residentes face aos emigrantes*. Porto: Afrontamento.
- Peixoto, J., Oliveira, I. T., Azevedo, J., Marques, J. C., Góis, P., Malheiros, J., & Madeira, P. M. (Eds.) (2016). *Retorno ao futuro. A nova emigração e a sociedade portuguesa*. Lisboa: Gradiva.
- Pereira, A. C. (2017, 4 de março). A (re)construção da figura do emigrante. *Público*. Retirado de <https://www.publico.pt/2017/03/04/sociedade/noticia/a-re-construcao-da-figura-do-emigrante-1763881>.
- Pereira, V. (2014). *A ditadura de Salazar e a emigração. O Estado português e os seus emigrantes em França (1957-1974)*. Lisboa: Círculo de Leitores.

- Portela, J., & Nobre, S. (2001). Entre Pinela e Paris: emigração e regressos. *Análise Social*, XXXVI(161), 1105-1146.
- Viana, C. E. (2014). Entrevista a José Vieira (pp.13-17). *Emigração para França. Filmes do homem. Festival de documentário de Melgaço*. Melgaço: MDOC.
- Vieira, J. (Realizador) (2002). *La Photo déchirée. Chronique d'une émigration clandestine / A fotografia rasgada* [Filme]. França: Telessonne/RTP/RTBF.
- Vieira, M.-I. (2017) A passagem das fronteiras e os seus intervenientes na prosa dos autores portugueses durante o Estado Novo. *InterDISCIPLINARY Journal of Portuguese Diaspora Studies*, 6, 39-53.